

SARTRE, J-P. CARTA DE JEAN-PAUL SARTRE A GABRIEL MARCEL [1943]¹**SEXTA-FEIRA**

Jean-Paul Sartre

Tradução de Luíza Helena Hilgert
luizahilgert@hotmail.com

Sobre a Tradutora: Doutora em Filosofia pela Unicamp/Bolsista Fapesp na linha de pesquisa História da Filosofia Contemporânea. Mestre e licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Tem experiência em pesquisa sobre Filosofia e seu ensino e em História da Filosofia Contemporânea. Principais autores pesquisados: Sartre, Heidegger, Husserl, Beauvoir, Camus, Merleau-Ponty. Principais áreas de interesse: Ontologia, Fenomenologia, Filosofia contemporânea, Feminismo, Existencialismo, Filosofia francesa, Literatura e Filosofia, Ficção e Filosofia. É membro do GT Filosofia Francesa Contemporânea e do Groupe d'Études Sartriennes - GES (França). Atualmente é pós-doutoranda em Filosofia na UFSCar/FAPESP.

DOI: [10.25244/tf.v13i3.1246](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.1246)

Recebido em: 15 de dezembro de 2019. Aprovado em: 20/12/2019

¹ No original francês: SARTRE, J-P. "Lettre de Jean-Paul Sartre à Gabriel Marcel", in Revue de la BNF, Paris, 2014/3 (nº 48), p. 62-63.

SARTRE, Jean-Paul. Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel [1943]**Sexta-feira***Tradução de Luíza Helena Hilgert*

Caro senhor,

Queira, antes de tudo, desculpar-me por este documento, sinal dos tempos?

Fiquei muito feliz que a sua carta tenha sido a primeira a falar-me sobre *O ser e o nada*. Foi dos seus encorajamentos e críticas que pude obter os maiores proveitos. Lamentaria muito se o senhor não encontrasse em meu livro o seu nome no lugar que lhe pertence por direito, se fosse o caso de planejar de longa data uma obra sobre os precursores franceses do existencialismo, dentre os quais o senhor estaria em primeiro lugar (o que, obviamente, não significa que eu limitaria a isso o seu pensamento). Por outro lado, *O ser e o nada* é um livro dogmático e citei autores sem a preocupação de lhes fazer justiça (até o Sr. Laporte por seu tão medíocre opúsculo acerca da Abstração), conforme me proporcionavam meios para esclarecer o meu próprio pensamento. Eu procederia de maneira muito diferente se a intenção fosse histórica. Diria eu, em particular, que a sua contribuição ao meu pensamento não é tanto em relação a esta ou aquela perspectiva sobre o corpo ou sobre o ter, mas à própria ideia de “situação”. A expressão se encontra também em Heidegger, mas designa o que eu chamaria de uma situação muito particular (aquela do ser que se lança em direção à morte reconhecida em um projeto autêntico). Ela também é encontrada em Jaspers, mas o pensamento de Jaspers me parece simples, confuso e desagradável. Foi ao ler as suas *Investigações* que eu compreendi, pela primeira vez, que ser, para o homem, é ser em situação e foi isso que me permitiu perceber, enfim, o que é a liberdade. Gostaria de fazê-lo acreditar, caro senhor, que não ignoro a importância dessa dívida. Acredito também que a frase (que cito de memória depois de passado algum tempo): “seria interessante procurar realizar uma descrição fenomenológica do viscoso” não é estranha à escolha que fiz deste exemplo para ilustrar o método psicanalítico que proponho, ainda que, no momento próprio da escolha, eu não tivesse me dado conta.

Compreendo mal, por exemplo, a crítica que o senhor faz acerca de “alcançar uma *Weltanschauung* inalcançável”. Isto é verdadeiro: a posição do *Dasein* é dificilmente sustentável. Mas o que posso fazer? Não vejo, de qualquer forma, o que a “questão de Deus” mudaria nisso: não me parece que a posição de Kierkegaard, que é crente, seja muito mais sustentável que a minha. Além disso, o senhor não pensa – e não pensa assim também todo cristão? – que um mundo sem Deus é insustentável? Parece-me, assim, que eu devo estar de acordo com o senhor ao menos nisso, de que o mundo que descrevo, com seu aspecto absurdo e sinistro, é o único possível se Deus não existe (e talvez também caso ele exista). O ponto de divergência – e ele é grande – é mesmo a questão de Deus. Em uma palavra, a sua crítica torna a dizer: sem Deus, sem filosofia. E eu admito de bom grado que o senhor sustente esse ponto de vista. Mas então por que o senhor seria poupado, antes que eu, da psicanálise existencial?² Eu me submeto a ela e admito: “meu veredito sobre a ideia de Deus deve ser psicanalisado existencialmente”. É preciso, porém, que o senhor também se submeta e que aceite uma investigação de mesmo gênero: “Qual escolha de si e do mundo implica originalmente a crença em Deus?”³ Não acredita? Isto feito, teríamos definido dois tipos de projeto: o seu e o meu, mas o problema metafísico da existência de Deus, o problema ontológico da sua possibilidade, não teriam sido tocados. Eu, psicanalisado, posso, por uma escolha pessoal, mesmo se Deus existe, cegar-me para a sua existência. É um fato inegável.

²No original, a oração é encerrada com ponto final, contudo, Sartre, claramente, formula uma pergunta; ainda que retórica. (Nota da tradutora.)

³Substituí o ponto final por ponto de interrogação. (Nota da tradutora.)

SARTRE, Jean-Paul. Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel [1943]**Sexta-feira***Tradução de Luíza Helena Hilgert*

E dele não resulta também que o senhor, mesmo se Deus não exista, possa cegar-se de sua inexistência? Sobram as ideias. Isso significa que, para além de um recurso à psicanálise que não pode resolver a questão, é preciso retornar ao debate acerca da ideia de Deus e, como disse Sócrates, “seguir o raciocínio para onde ele nos conduzir”. Esta é, definitivamente, a única cura psicanalítica que eu concebo. Mas isso demandaria longas discussões e eu lamento muito que o senhor não esteja aqui.

Embora, não duvide caro senhor, eu conserve, em relação a Santo Agostinho, de Blondel e tantos outros, a humildade que me convém, não me incomodo que eles não tenham percebido contradição lá onde eu vejo uma. Pois, enfim, se devemos tirar conclusões rigorosas de suas observações, parece-me que deveríamos renunciar a toda filosofia: como, com efeito, não demonstrar da mesma humildade em relação a Kant, Descartes ou Hegel? Acredito, todavia, em um progresso filosófico: ele acontece, na minha opinião, da descoberta de pressuposições contidas nas filosofias anteriores e da invenção de novas técnicas. É, de toda maneira, à luz dessas técnicas que podemos descobrir as pressuposições. Eu não inventei a técnica fenomenológica e eu sou apenas um entre os fenomenólogos. Mas esta técnica aperfeiçoada por outros me dá uma superioridade que eu jamais teria alcançado sozinho sobre pensadores cem vezes maiores e mais profundos, porém menos bem armados. Quanto à contradição que eu identifico na ideia de Deus, ela não é daquele tipo que “salta aos olhos”. É preciso, para captá-la, realizar a descrição fenomenológica dos conceitos de criação, de necessidade e de consciência; é preciso ter captado que o “jogo”, como o senhor disse, seria tal, em um ser que se produziria ele mesmo, que este ser explodiria e perderia sua unidade.

Quanto à transcendência, isso significa para mim a necessidade existencial de ser lançado para fora de si em direção a um outro ser dado realmente (em “carne e osso”). Parece-me que eu a estabeleci por uma dupla argumentação: a primeira concernente à prova ontológica (prefácio) –, a segunda em relação ao ser-para-outro. Certamente, não estabeleci aí uma trans-ascendência. Mas por que seria preciso (como Waelhens parece crer) confundir transcendência e trans-ascendência?⁴ Que se nomeie, caso queira, a relação do Para-si ao Ser-em-si de trans-descendência; a relação do Para-si com o Outro não seria do mesmo tipo, uma vez que há aqui o mesmo nível de ser e de nadificação.

Enfim, caro senhor, se eu disse que “somente a realidade humana, etc.”, é unicamente pelo desejo de pensar em ordem. Por isso, trato do tema do corpo apenas depois de ter buscado elucidar a relação com o outro. Penso, com efeito, que o animal existe como consciência e, como tal, nadifica. O seu excelente exemplo do cão que perdeu seu mestre é, sob este aspecto, completamente convincente. Não sou de maneira nenhuma cartesiano em relação a este ponto e acredito desde sempre na inteligência e nas paixões dos animais. Mas como não quero explicar o superior pelo inferior, me parece que um pensamento em ordem vai – ao contrário do de Loeb, Bohn e Watson – do homem aos animais. É apenas segundo *O ser e o nada* que seria possível, para mim, tratar da questão do psiquismo animal. Paralelamente, o problema da vida não é abordado, mas é justamente porque apenas o estudo das estruturas nadificadoras pode conduzir a uma descrição fenomenológica do ser biológico. Isso não significa, contudo, que atualmente eu tenha a intenção de estudar essas questões, mas que só hoje seria possível fazê-lo. Queira desculpar-me, prezado senhor, por uma carta tão longa. Espero que o senhor veja nisso não mais que o cuidado em responder, tão exatamente quanto possível, às suas questões. Ainda assim, ao escrever senti o quanto minhas respostas permanecem insuficientes – porque ainda estão insatisfatoriamente desenvolvidas.

⁴Substituí o ponto final por ponto de interrogação. (Nota da Tradutora.)

SARTRE, Jean-Paul. Carta de Jean-Paul Sartre a Gabriel Marcel [1943]**Sexta-feira***Tradução de Luíza Helena Hilgert*

Evidentemente, seria necessário que pudéssemos conversar pessoalmente sobre tudo isso. Realmente espero, caro senhor, que encontre a oportunidade de passar por perto de Paris e lhe peço que me avise, caso não esteja demasiado ocupado.

Aguardando este prazer, creia, prezado senhor, que compartilho da gratidão respeitosa que tantos estudantes e jovens filósofos têm pelos seus ensinamentos e escritos e, acrescento, nutrem também pela sua pessoa um sentimento muito particular de simpática deferência.

JP Sartre